

E-mail:
isafreire@usp.com
fcpaletta@usp.br
meriane.vieira@ccsa.ufpb.br

Isa Maria Freire², Francisco Carlos Paletta³, Maria Meriane
Vieira da Rocha⁴

RESUMO

Nosso propósito com o Projeto *Da Teoria à Prática* é promover uma ação de informação em comunidades de profissionais da informação, no Brasil, fundamentada em modelo conceitual da *competência ética para a constituição de inteligências coletivas*, mediante intercâmbio de conhecimento e experiências entre Grupos de Pesquisa CNPq. Esta é a nossa proposta e o nosso desejo: reunir teoria e prática que aproxime, cada vez mais, produtores e usuários da informação na sociedade, mediante uma ação formativa que integra experiência e conhecimento no campo de atuação dos profissionais da informação. A nosso ver, trata-se de uma inovação que pode agregar valor inestimável às ações formativas na comunidade dos profissionais da informação.

Palavras-chave: ação de informação; forma de vida – ciência da informação; ação formativa – conhecimento e experiência; ciência da informação – modelo teórico.

ABSTRACT

Our purpose with the From Theory to Practice Project is to promote information action in communities of information professionals in Brazil, based on a conceptual model of ethical competence for the constitution of collective intelligence, through the exchange of knowledge and experiences between CNPq Research Groups. This is our proposal and our desire: to bring together theory and practice that increasingly brings producers and users of information in society closer together, through a training action that integrates experience and knowledge in the field of activity of information professionals. In our view, this is an innovation that can add invaluable value to training actions in the information professional community.

Keywords: Information action; Way of life – Information Science; Training action – knowledge and experience; Information Science – Theoretical model.

¹ Pesquisa de pós-doutoramento em desenvolvimento na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Código do projeto: 2023-202.

² Autora do projeto.

³ Supervisor do projeto.

⁴ Pesquisadora convidada.

1 INTRODUÇÃO

Nossa perspectiva reconhece que *valor de informação* é produzido no contexto da atuação profissional, no *extrato semântico-pragmático* constituído pela forma de vida da comunidade acadêmica da Ciência da Informação no Brasil, mediante encontros [eventos] com *sujeitos gnosiológicos*, aqueles cujas ações formativas são, de modo dominante, ações de informação.

A preparação dos *sujeitos gnosiológicos* se desenvolve a partir de quatro elementos estruturantes relacionados entre si e cujo *valor de informação* é definido no campo da *atuação profissional* (ação gnosiológica em si): são cinco

- ✓ **ensino**, para conhecimento de teorias e modelos para criação de *valores de informação* em um dado regime de informação;
- ✓ **pesquisa**, para aplicação do conhecimento em processos de produção intelectual e comunicação virtual;
- ✓ **formação**, para compartilhar conhecimentos e acompanhar aplicações teóricas e inovações tecnológicas;
- ✓ **aplicação**, para desenvolvimento de artefatos tecnológicos para organização e comunicação de *valores de informação* no contexto virtual.

A seguir, apresentados a rede teórica a partir da qual pudemos desenvolver a produção do protótipo da oficina temática *Competência ética: o outro sou eu*.

2 REDE CONCEITUAL

Apresentamos, a seguir a rede conceitual que subsidia o modelo teórico e operativo para produção da oficina temática.

2.1 O VALOR DE INFORMAÇÃO NA FORMA DE VIDA DOS SUJEITOS SOCIAIS

Conforme González de Gómez (1999, p. 5), “a ação social se assenta na força da relação de interlocução, que se estabelece ao mesmo tempo em que a definição do vínculo social, conforme uma forma específica de comunicação e de transferência de informação”. A autora entende que do ponto de vista *semântico-pragmático* um **valor de informação** se constitui por regras, na maioria das vezes implícitas e habituais no grupo de sujeitos. Do ponto de vista da estruturação *meta-informacional*, sua constituição responde a regras formalizadas, padrões convencionais e contratos; e do ponto de vista das *infraestruturas* poderá ser vista como objeto modelável.

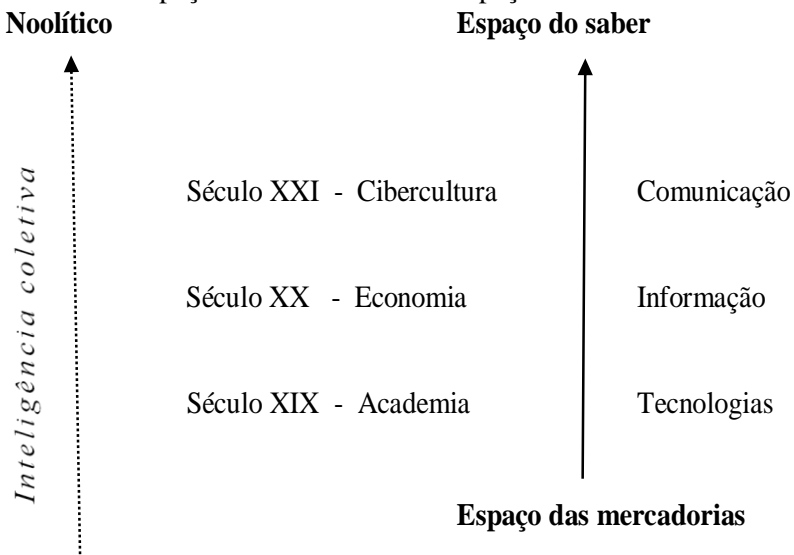
De modo que “a estrutura, organização e conteúdo de uma unidade informacional remete, antes, às ações e aos agentes que a produzem e organizam do que ao conteúdo do mundo natural e social aos quais apontam, bem como a seus universos de referência discursiva” A autora esclarece que denomina *ator gnosiológico* “ao ator social (cientista, pesquisador, tecnólogo) cuja ação formativa é a ação de informação” (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 1999, p. 4). Isto porque, “no âmbito de uma forma de vida a vinculação gnosiológica tematiza e organiza [as] ações sociais, de maneira que uma ação de informação se exerce [através da] articulação entre os planos ou estratos informacional e meta-informacional” (GONZÁLEZ DE GÓMEZ (1999, p. 24).

Nesse contexto, profissionais e pesquisadores são conscientes de que devem desenvolver habilidades específicas para melhorar o desempenho de suas práticas e pesquisas científicas. Isso coloca a educação continuada como pressuposto fundamental das atividades diárias de forma que utilizem cada vez mais a inteligência coletiva.

2.2 A INTELIGÊNCIA COLETIVA DE PIERRE LÉVY

No seu texto sobre inteligência coletiva, Lévy (2000, p. 23) propõe uma abordagem a partir de um modelo de organização social fundamentado em *espaços antropológicos*, quais sejam: Terra, espaço aberto, Território, espaço das inovações e restrições, Mercadorias, espaço das trocas, e Saber, espaço da inteligência coletiva.

Figura 1 – Do espaço das mercadorias ao espaço do saber



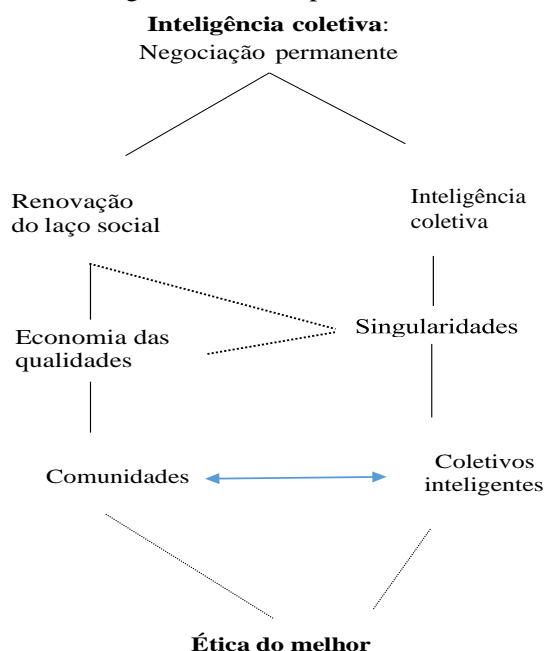
Nota: Baseado em Lévy, 2000.

Fonte: FREIRE, 2020, p. 5.

No *espaço do saber* as tecnologias digitais de informação e comunicação nos permitem criar e percorrer mundos virtuais, colocando sobre novas bases os problemas do laço social, trazendo a possibilidade de pensar coletivamente a aventura humana e (quem sabe?) influenciá-la “mediante invenção de formas de pensar e se relacionar que contribuam para fazer emergir inteligências coletivas na humanidade” (LÉVY, 2000, p. 33). Nesse contexto, será necessário “engajar a singularidade, a própria identidade pessoal na vida profissional”, numa dupla mobilização subjetiva, “bastante individual, de um lado, mas ética e cooperativa, de outro” (LÉVY, 2000, p. 23. Em itálico, no original).

Desse modo, o projeto da inteligência coletiva coloca-se como um “processo de crescimento, de diferenciação e de retomada recíproca das singularidades”, e nele uma engenharia do laço social torna-se extremamente relevante podendo ser vista como “a arte de suscitar coletivos inteligentes e valorizar ao máximo a diversidade das qualidades humanas” (LÉVY, 2000, p. 32. Em itálico, no original). Essa abordagem propõe “uma ética do melhor, mais que a uma moral do Bem”, definindo os coletivos intelectuais como “meios humanos que encorajam as subjetividades a se singularizar continuamente” (LÉVY, 2000, p. 208 e 147). Como podemos perceber na figura a seguir:

Figura 2 - Inteligência coletiva para uma ética do melhor



Nota: Baseado em Lévy, 2000.

Fonte: FREIRE: 2018, p. 8.

Com essa abordagem, nos aproximamos de grupos de sujeitos sociais cujas características podem ser descritas em termos de inteligência coletiva, especialmente por sua capacidade de compartilhar informação, destacando-se a comunidade científica, que teria sido a primeira comunidade a se organizar como inteligência coletiva, independente das barreiras nacionais e religiosas (conforme Lévy, 2000).

Após a invenção da imprensa, e no momento em que a rede postal se estabelecia na Europa, os cientistas começaram a trocar ideias, colunas de números, resultados de experiência, *layouts* e raciocínios, o que nos faz perceber que,

[...] no espaço intelectual aberto pela comunidade científica, todas as ideias estão em competição cooperativa para atrair o máximo de atenção. A capacidade de interessar sem recorrer a argumentos de autoridade, à força ou a meios desleais são essenciais ao funcionamento do meio científico *porque a finalidade própria deste meio é funcionar como inteligência coletiva*. (LÉVY, 2000, p. 85, em itálico, no original)

Nesse processo histórico, ao associar-se ao mercado a comunidade científica esteve na origem do desenvolvimento tecnológico que conhecemos desde a revolução industrial. Ademais,

Ao oferecer a Internet ao mundo, [a comunidade científica] deu-lhe a infraestrutura técnica de uma inteligência coletiva que é, sem dúvida, a sua mais bela descoberta. Assim, transmitiu [à] humanidade a sua melhor invenção, a do seu próprio modo de sociabilidade, do seu tipo humano e da sua comunicação. Esta inteligência coletiva aperfeiçoada desde há séculos é perfeitamente encarnada pelo caráter livre, sem fronteiras, interconectado, cooperativo e competitivo da *web* e das comunidades virtuais. (LÉVY, 2000, p. 87)

No espaço intelectual aberto pela comunidade científica todas as ideias estão em competição cooperativa para atrair o máximo de atenção. A finalidade própria deste meio é funcionar como inteligência coletiva.

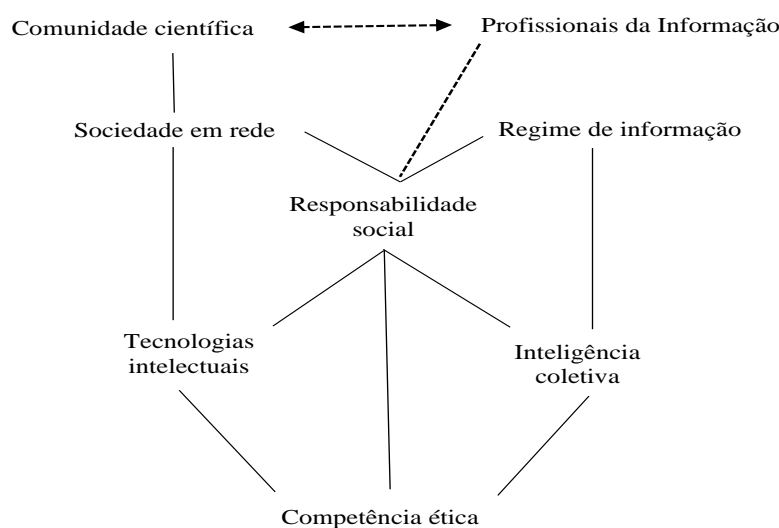
Pois atualmente estamos presenciando a ‘nova relevância de um fenômeno antigo’, a informação, cuja área de ação e atuação, ao longo do século XX, cresceu de tal modo a identificar-se com a sociedade contemporânea, também qualificada como sociedade da informação e, nesse contexto também está incluído a competência ética.

2.3 A COMPETÊNCIA ÉTICA DE FRANCISCO VARELA

Para o autor, a ética “está mais próxima da sabedoria do que da razão, mais próxima da compreensão de que coisa deve ser o bem do que da formulação de princípios corretos” (VARELA, 1995, p. 14), Neste contexto, uma pessoa sábia (ou virtuosa) seria aquela “que conhece o que é o bem e o põe espontaneamente em prática”, numa conexão imediata entre a percepção e a ação.

O autor esclarece que há uma diferença entre “habilidade” ou “capacidade de confronto imediato” (que podemos entender como um tipo de perícia) e “conhecimento intencional” ou “juízo racional”, (que podemos entender como moral), pois, antes de tudo, as unidades apropriadas de conhecimento são “concretas, corporificadas, vividas” (VARELA, 1995, p. 12 e 16). De modo que “adquirimos o nosso comportamento ético da mesma maneira que todos os outros modos de comportamento: se tornam transparentes enquanto crescemos na sociedade” (VARELA, 1995, p. 31 e 33 *passim*). Às ações incorporadas no cotidiano — trabalhar, mover-se, falar, comer — que se manifestam como *saber fazer*, se acrescenta “responder às necessidades dos outros”, definida como *o autêntico cuidar de si*.

Figura 3 – Rede conceitual da presente proposta



Fonte: Projeto Da teoria à prática..., 2023, p. 8.

De modo que a *competência ética* consiste no reconhecimento da exigência, na vida humana, de uma prática transformadora, fundamentada em um saber próprio que afirma nossa condição de espécie gregária, solidária e consciente de si e do outro. Nesse modelo, a competência ética seria ao mesmo tempo pessoal e social, individual e coletiva, biológica e cultural — como no processo da inteligência coletiva.

3 RELATO DA APLICAÇÃO DO PROTÓTIPO DA OFICINA TEMÁTICA

Apresentamos, a seguir, relatório sucinto do teste do protótipo da oficina temática *Competência ética: o outro sou eu*, realizada no Centro de Desenvolvimento do Servidor Público (CEDESP) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), onde funcionam, temporariamente, a Diretoria da Biblioteca Central da Universidade Federal da Paraíba, salas de aula e de apoio. Esta estrutura abriga esses serviços enquanto aguardam a finalização da reforma do prédio da Biblioteca Central (com inauguração prevista para dezembro de 2023).

A oficina temática *Competência ética: o outro sou eu*, representa o principal produto do projeto *Da teoria à prática...*, em desenvolvimento na Escola de Comunicações e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo (USP) na modalidade pós-doutorado. Nesse sentido, foi testada a aceitação crítica do conceito “competência ética” em relação às atividades desenvolvidas pelos profissionais bibliotecários.

3.1 PREPARATIVOS

Fizemos contato indireto com a Diretoria da Biblioteca Central (BC) da UFPB, através de mediação da profa. Dra. Maria Meriane Vieira da Rocha (UFPB, Departamento de Ciência da Informação), que foi convidada a participar do projeto na qualidade de observadora-participante.

A recepção foi excelente. Com a oficina agendada, solicitamos à Diretoria da BC apoio em infraestrutura e reprodução do material de apoio (folder e textos, no total de cinco cópias xerox) que cada grupo participante recebeu ~~deve receber~~ quando ~~chega~~ chegou ao espaço da oficina.

3.2 FORMAÇÃO E DINÂMICA DE GRUPO

Foram convidados, pela Diretoria da BC, os 31 bibliotecários atuantes na Biblioteca Central da UFPB. Compareceram 14 profissionais bibliotecários, inclusive a Diretora e Vice-Diretora da BC e a pesquisadora observadora participante. Todos se anteciparam ao horário previsto (9:00 horas) de modo que a oficina pode iniciar no horário. Um dos profissionais bibliotecários que participou do grupo é deficiente visual e a Diretoria tomou a iniciativa de imprimir o material de apoio em braile.

O grupo que participou da oficina recebeu material de apoio teórico, constando de folder com excertos de:

- MATURANA, H.; VARELA, F. De máquinas e seres vivos: autopoiese – a organização do vivo. 3ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. Prefácio. p. 33.

E resumo de:

- BAUMAN, Zygmunt. **Que oportunidade tem a ética no mundo globalizado dos consumidores?** In: BAUMAN, Z. A ética é possível num mundo de consumidores? Rio de Janeiro: Zahar, 2011. Excertos. 37-83.

Também foi distribuído um folder da oficina, com o modelo teórico, os principais conceitos e a programação.

A atividade considerada mais relevante na oficina é o *Fórum das diferentes perspectivas*, onde os participantes conversam, em pequenos grupos, “*Como se aplicaria a competência ética nas atividades bibliotecárias*”. Ao final da *roda de conversa*, os grupos compartilham suas reflexões no *Fórum*, encontrando pontos em comum e acrescentando novas perspectivas aos diversos olhares sobre a questão. A seguir, roteiro e resumo das discussões nas rodas de conversa.

ROTEIRO - Rodas de conversa

- O que o grupo entendeu por *competência ética*?
- Em quais atividades da biblioteca esse conceito poderia ser aplicado?

O relato da conversa do Grupo 1 resume a perspectiva dos participantes sobre a *competência ética* e sua aplicação às atividades dos profissionais da informação bibliotecários:

A competência ética pode ser aplicada em diversos contextos no ambiente do sistema de informação. Na catalogação, por exemplo, faz-se necessário o diálogo entre a equipe de processamento técnico para selecionar o termo que melhor se adequa à recuperação da informação. Já no atendimento, a competência ética é fundamental para compreender as demandas informacionais do usuário, que, muitas vezes, não tem consciência de suas próprias necessidades. Nesse sentido, o bibliotecário deve se esforçar para entender e responder à questão do pesquisador. Do mesmo modo, as coleções devem ser desenvolvidas segundo os preceitos da 5ª. Lei de Ranganathan, por meio de políticas que atendam às necessidades dos usuários.

Os grupos escolheram como palavras-chave o entendimento e aplicação do conceito de *competência ética*, como segue:

- Catalogação (2); Atendimento – Políticas; Desenvolvimento de coleções (2); Políticas; Usuário (2); Referências – Setor; Aquisição (2); Seleção; Classificação; Atendimento ao público.

Pudemos observar, nos relatos dos grupos, que o conceito da *competência ética* foi considerado interessante e aplicável às atividades dos profissionais da informação, neste caso os profissionais bibliotecários:

- ✓ Grupo 1, “A competência ética pode ser aplicada em diversos contextos no ambiente do sistema de informação [...] no atendimento a competência ética é fundamental para compreender as demandas informacionais do usuário”;
- ✓ Grupo 2, “Como compreensão da competência ética a partir da oficina, nossa opinião é que [a competência ética] se aplica a todos os setores da biblioteca, enquanto sistema, e de forma mais específica do setor de referências, pois esta é a porta de entrada [...] A oficina deveria ser aplicada para todos os funcionários da biblioteca, e não apenas para os bibliotecários”;
- ✓ Grupo 3, “O grupo aplicaria a competência ética na atividade de atendimento ao público, fazendo ao outro o que precisa ser feito por ele, naquele momento”;
- ✓ Grupo 4, “a competência ética [pode ser] utilizada para selecionar, no processo de aquisição, o material informacional em conformidade com os instrumentos técnicos que regem UFPB”.

A pesquisadora atuante como observadora-participante trabalhou, especialmente, com os grupos envolvidos nas rodas de conversas que subsidiaram o *Fórum das diferentes perspectivas*, sugerindo, em seu relatório, a reorganização dos slides de apoio à oficina, de modo a otimizar o tempo de exposição, promovendo mais espaço para a fala dos participantes.

Suas observações irão subsidiar a fase 2 do projeto *Da teoria à prática...*, quando será proposto, desenvolvido e aplicado um novo modelo de protótipo da oficina temática.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Somos gratos à Direção da Biblioteca Central da Universidade Federal da Paraíba, pelo acolhimento, organização, solicitude, compromisso, alegria de viver e satisfação em fazer o que sabe e gosta de fazer: organizar o conhecimento e compartilhar informações!

E a cada um dos participantes, pela disponibilidade em contribuir para a pesquisa, pelo compromisso de formação continuada e de atenção ao que é novo e pode vir a contribuir.

Aprendemos muito com a produção do protótipo, e a partir desse aprendizado trabalharemos na produção de um novo modelo operacional da oficina temática *Competência ética: o outro sou eu*. Como assinalou o Grupo 2, em seu relatório da roda de conversa: “A competência ética precisa ser aplicada: Eu comigo, Eu com o outro – Eu com o todo”.

Nesse contexto, cultivamos a Esperança de que o modelo da competência ética aplicado na formação e atuação do profissional da informação possa se transformar em fator propiciatório de uma melhor relação entre eu e o outro. Afinal, o outro sou eu.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Isa Maria. Projeto **Da Teoria à Prática**. Aplicação do modelo da *competência ética no contexto da inteligência coletiva* em uma comunidade de profissionais da informação. Pesquisa de pós-doutoramento. São Paulo: USP ECA, 2023, p. 8.

FREIRE, Isa Maria. Índícios da inteligência coletiva no regime de informação do Laboratório de Tecnologias Intelectuais - LTi. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, v. 23, n. 51, p. 44–58, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/>

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. O caráter seletivo das ações de informação. **Informare**, v.15, n.2, p. 7-31, 1999. Disponível em: <http://ridi.ibict.br/bitstream/123456789/126/1/GomezInformare1999.pdf>

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. 3ed. Editora Loyola, São Paulo, 2000.

ROCHA, Maria M. Vieira da. **Relatório de Observação-participante na oficina temática *Competência ética: o outro sou eu***. João Pessoa: UFPB – BC, out. 2023.

VARELA, Francisco. **Sobre a competência ética**. Ed. 70, Lisboa, 1995. Ver: <file:///C:/Users/Usu%C3%A1rio/Downloads/labeditorial,+7472-Texto+do+artigo-26016-1-10-20180801.pdf>